

Para uma escola do futuro.

(Contribuição a mesa redonda sobre "Arte e Tecnologia", Centre National de la Recherche Scientifique, Marseille, abril de 82).

A escola em sentido clássico e etimológico, ("schole"), é lugar de contemplação das ideias, da teoria. Segundo antropologia subjacente a tal definição, três são as posições acessíveis ao homem: (1) a econômica, lugar do eterno retorno das aparências enganadoras. (2) a política, lugar da produção de obras por aplicação de ideias sobre aparências. E (3) a escola, lugar da contemplação das ideias imutáveis. Segundo tal antropologia o homem seria ente caído do céu das ideias sobre a natureza das aparências, ente que ao cair atravessou o rio do esquecimento. Na economia continua ele esquecido das ideias, "privado" delas, "idiota". Gira em roda: cozinha para comer e come para cozinhar, nasce para morrer e morre para renascer. Na política passa a lembrar-se das ideias e as aplica às aparências: torna-se artesão e artista. Na escola dá as costas às aparências e contempla a ordem lógica das ideias: torna-se filósofo, vê a verdade, a bondade e a beleza.

A vida econômica é absurda, a política é erro. A primeira é absurda, porque o retorno do sempre idêntico não tem sentido. A segunda é erro, porque ideia aplicada é ideia deturpada: contemplar a ideia do sapato aplicada ao couro e cair em erro, já que o couro deformou a ideia. Apenas a vida contemplativa traz sabedoria. Não obstante, economia e política se justificam. A economia, porque abre campo para a política, e a política, porque abre campo para a filosofia. Sem os idiotas que vivem economicamente os artesãos não dispõem de tempo livre para fazer suas obras. E sem os artesãos os filósofos não poderiam comparar obras para mostrar o quanto são erradas as ideias que nelas transparecem. Por isto o Estado platônico consiste em três camadas: a economia sustentando a política, e esta a filosofia. Os filósofos são os reis, porque são o propósito do Estado, que é o de trazer sabedoria.

Tal Estado platônico se torna realidade na Idade Média sob a forma do feudalismo. Os servos econômicos sustentam os burgueses políticos, e estes sustentam a escola, os monges. Mas com a revolução burguesa tal pirâmide é transformada. Os burgueses assumem o governo, a escola passa a sustentar a política, a "arte". A escola não mais contempla teoricamente, mas faz teorias que sirvam à produção de obras. O propósito do Estado burguês não mais é sabedoria, mas atividade produtora.

A degradação da escola do primeiro para o segundo lugar na hierarquia existencial é consequência de reformulação do conceito "teoria". Não mais contemplação de ideias imutáveis, mas elaboração de ideias aperfeiçoáveis. As ideias passam a ser moduláveis, manipuláveis, "modelos", cujo propósito é o de captar e modificar as aparências: conhecer e mudar o mundo. Destarte se estabelece dialética entre o mundo das aparências e o das teorias: aparências são observadas para fazer-se teorias, e teorias são feitas para fazerem-se observações novas. Tal dialética entre teoria e observação passa a ser o método da ciência moderna. Método dinâmico, porque toda observação pode provocar teoria nova, e toda teoria observação nova. Tal dinâmica vai constituir o "progresso", esse característico do Estado burguês vitorioso.

Mas a reformulação do conceito "teoria" não apenas inicia o progresso, e não apenas degrada a escola, mas produz também a técnica enquanto nova forma de vida.

Toda teoria nova exige metodo de aplicacao novo, tecnica nova. E toda tecnica nova pode provocar nova teoria. Tal segunda dialectica, entre tecnica e teoria, se sobrepoe sobre a dialectica observacao-teoria, o que torna ainda mais dinamico o progresso. A tecnica muda radicalmente a vida, a ponto de podermos afirmar que somos entes diferentes dos que existiram antes da revolucao burguesa.

A escola burguesa reflete tal mudanca ao dividir-se em tres niveis. Em nivel primario, lugar de adestramento para a vida economica, da vida com maquinas e seu eterno retorno. Em nivel secundario, lugar de preparacao para a vida politica, a que produz e distribui as obras. E em nivel superior, lugar da elaboracao das teorias e das tecnicas que permitam a producao progressiva de obras. De modo geral, a escola em seus tres niveis serve para que sejam produzidas obras.

Em tal sentido, toda escola burguesa e "politecnica", e e a tecnica que a caracteriza. Ora, a tecnica e atividade sem precedentes: aplicacao de modelos teoricos isentos de valores. Por exemplo: de formulas matematicas. Toda atividade previa visava aplicar modelos plenos de valores: melhorar o mundo. Tais modelos valorativos nao mais se enquadram na dialectica entre tecnica e teoria. Sao portanto eliminados do progresso. Destarte surge, entre outras disciplinas, a arte moderna. Arte moderna e atividade valorativa, nao-progressiva, estranha a dinamica burguesa, e vai formar um ghetto. E sao instituidas "escolas de arte", para isolar ainda melhor tal atividade. Mas a divisao da praxis pre-burguesa em tecnica e arte vai ter consequencias imprevistas.

O nivel superior da escola burguesa e lugar de iniciacao curiosa. O futuro cientista e tecnico e lavado catarcticamente de todos os valores, suas dimensoes politicas, eticas e esteticas sao amputadas, e apenas as estruturas da razao sao conservadas. Destarte podera ele elaborar modelos teoricas isentos de valor, e applica-los objetivamente. O resultado e, de um lado, um mundo teorico vazio e imaginavel, e, do outro lado, um mundo manipulado tecnicamente, de mais em mais absurdo. O progresso passa a ser a dialectica entre tal mundo teorico e tal praxis absurda. Crise do Estado burgues, e origem das propostas "alternativas".

A crise se manifesta na teoria como crise do conhecimento objetivo. Nao se conhece, nas aparencias, senao a estrutura da razao teorica. Os pesados caem com aceleracao geometrica, porque a razao tem estrutura geometrica. A crise se manifesta na tecnica como crise de consciencia. As modificacoes tecnicas operadas no mundo tem consequencias politicas e esteticas imprevisiveis. A crise se manifesta, nas artes, como crise existencial. Os artistas sao eliminados da sociedade, desempregados natos, a nao ser que se submetam a tecnica para serem anti-artistas. E a crise se manifesta na politica como crise de competencia. Os modelos politicos, (por exemplo liberdade, igualdade, fraternidade), sao incompetentes face ao progresso tecnico, e os politicos serao substituidos por tecnocratas.

A revolucao burguesa se funda sobre reformulacao do conceito classico de "teoria", e a crise da burguesia nao pode senao resultar em nova reformulacao de tal conceito. Em outros termos: em reformulacao da escola. As atuais tendencias para escolas alternativas sao sintomas da revolucao pos-industrial, pos-burguesa, pela qual estamos passando. De modo geral, duas tendencias podem ser distinguidas.

A primeira visa prosseguir na direção precedente, mas fazê-lo conscientemente. O progresso técnico permitiria, em futuro previsível, deslocar o trabalho, essa aplicação de modelos as aparências, do homem para máquinas automatizadas. Os homens destarte emancipados do trabalho disporão de lazer, em grego: scholē. Passarão a viver a maior parte de suas vidas na escola. Até a idade de 21 anos, depois dos 60, durante 6 semanas anuais, (as das férias), durante todas as horas da semana salvo 35, e durante a vida ativada para serem reciclados. A vida fora da escola será interrupção da escola. O progresso técnico permitiria, ainda, armazenar as informações disponíveis em memórias artificiais, e a elaborar informações novas por métodos automáticos. Isto emancipará o homem da necessidade de aprender guardar informações, e da necessidade de elaborar informações novas. A escola não mais será lugar de ensino e de elaboração de dados. A escola alternativa será o lugar no qual inteligências artificiais serão programadas para que façam funcionar máquinas automatizadas.

Analisando tal escola, verificamos que se trata de nova degradação da escola na hierarquia. Os programas elaborados em tal escola não sustentarão a produção, como o fazem as teorias da escola burguesa, mas sustentarão o consumo. A escola não mais servirá a política, mas a economia. Uma economia de consumo de informações ilimitadas. Pois tal situação pós-industrial foi prevista por Platão: os idiotas, os escravos serão os reis, e terá se instaurado o totalitarismo, isento de valores, da tecnocracia.

A outra tendência rumo a escola alternativa repousa sobre nova antropologia. A escola clássica repousa sobre antropologia segundo a qual o homem é ente caído do reino das ideias. A escola burguesa sobre antropologia segundo a qual o homem é ente unido de alma. Tal alma permitiria ao homem transcender a natureza e vê-la de fora, objetivamente. A nova antropologia nega ao homem tal possibilidade. Para ela, o homem é ente sempre mergulhado no mundo, quer vivencie o mundo, quer o conheça, quer o modifique. Toda ato humano, e toda experiência humana, e ato e experiência existencial: simultaneamente epistemológico, ético e estético. Conhecimento objetivo, (teórico no sentido burguês), é impossível e seria indesejável. O termo "teoria" deve ser reformulado. Reformulada a escola.

Toda teoria válida deve servir ao conhecimento do homem integral, do estar-no-mundo inteiro. Deve ter aspectos éticos e estéticos, não apenas os do conhecimento dito "puro". Os modelos de tal futura teoria devem refletir os conhecimentos, os valores éticos, políticos e estéticos da sociedade. E toda aplicação de tais modelos deve visar a modificar o mundo em função do homem. A escola alternativa deve ser lugar da elaboração e aplicação de tais modelos.

Praticamente, isto significa a superação da separação entre ciência, política e arte. Fazer com que as escolas científicas, politécnicas coincidam com as escolas filosóficas e as de arte. Que os técnicos sejam novamente artistas, os artistas técnicos, e que ambos sejam politicamente responsáveis. Que a teoria seja constantemente adubada pela vivência concreta, e esta pela teoria. Tal escola seria lugar de sabedoria em sentido platônico, com a diferença que todos seriam reis, e as máquinas seriam os idiotas.

Engajar-se na segunda tendência e engajar-se na superação da crise em prol de sociedade é homem novos.